

# MITOS AFRO-BRASILEIROS SOBRE ORIXÁ LGBT

Luiz L. Marins

<https://luizlmarins.wordpress.com>

Novembro de 2017

Publicado em:

ILÊ AXÉ NAGÔ KÓBI

<https://iledeobokum.blogspot.com/>

Tem ganhado destaque nas mídias sociais afro-religiosas alguns mitos sobre possíveis relações homossexuais, especialmente os mitos de Oxum e Iansã, Oxossi e Logunedé. Entretanto, estes mitos não possuem nenhum crédito, ainda que sejam encontrados em livros de autores famosos.

Mostraremos aqui porque estes mitos devem ser desconsiderados, não por causa da suposta homossexualidade entre as divindades, mas por falta de seriedade da pesquisa dos autores que os publicaram pela primeira vez.

## O SUPOSTO MITO LÉSBICO DE OXUM E IANSÃ

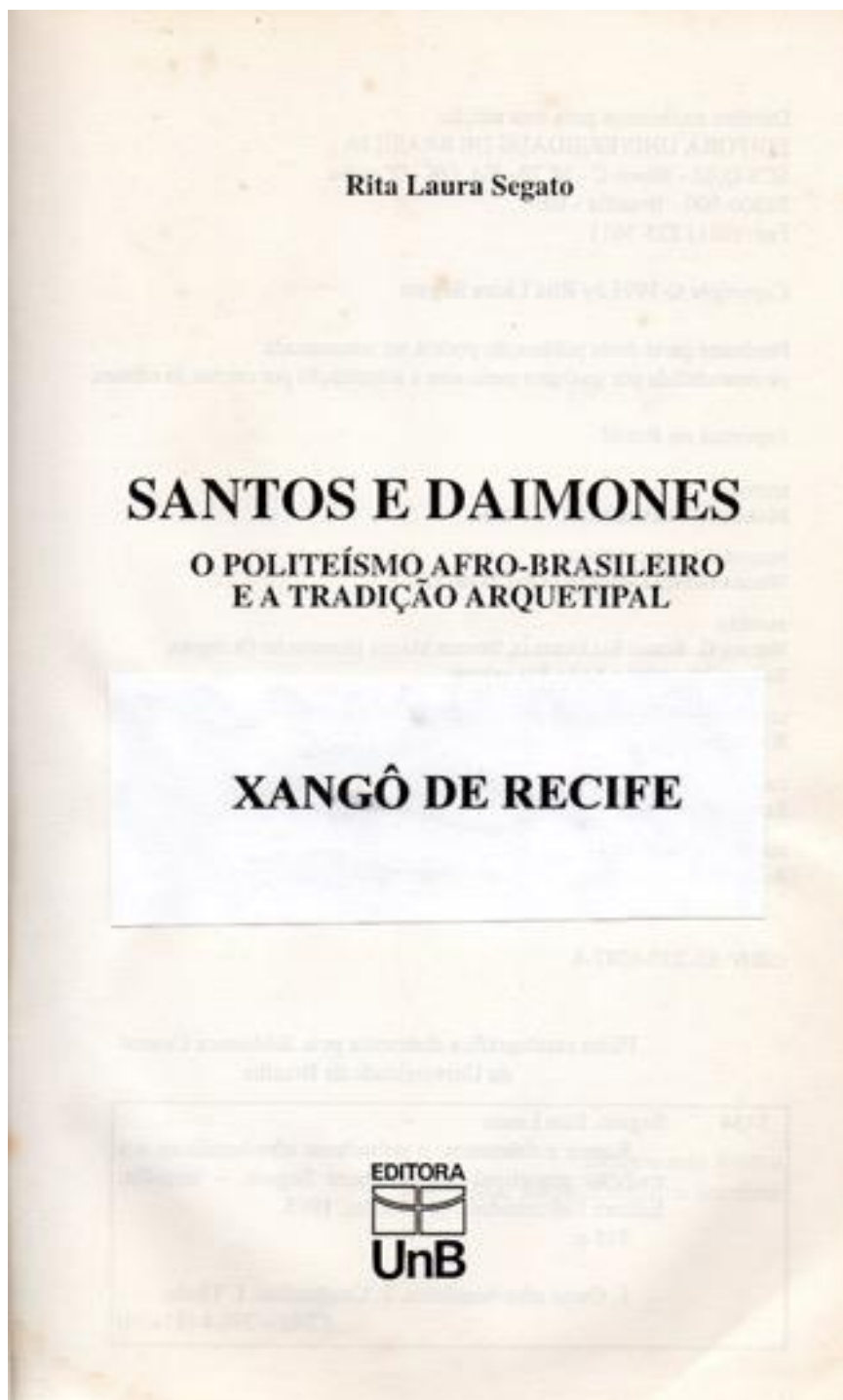
Este mito ganhou destaque através do livro “Mitologia dos Orixás”, 2001, Cia. Das Letras, do professor Reginaldo Prandi, tendo como título “Oxum seduz Iansã”, publicado na pg. 325.

Prandi informa como fonte o livro "Santos e Daimones", de Rita Laura Segato, p. 403, publicado pela Universidade de Brasília, 1995.

Rita Segato informa ter trabalhado na cidade de Recife, no bairro da Linha do Tiro, na região de Beberibe, numa casa de santo, sem citar o nome, na qual morou por seis meses, e depois, mais seis meses nos arredores de Água Fria, Encruzilhada e Beberibe.

Rita Segato não declara o(s) informante(s), nem a casa pesquisada, limitando-se a dizer que se trata de pesquisa de campo. A própria autora, na página 20, declara na introdução que omitiu os informantes.

Usando a possibilidade da tecnologia moderna, e para maior credibilidade, ao invés de transcrever o texto de autora, vamos inserir as imagens do livro, já que é possível. O texto em questão está na terceira imagem, no segundo mito da página:



Esta é a página de rosto.  
O texto “Xangô de Recife” foi por nós inserido para melhor clareza.

No curso da minha pesquisa, participei de todos os tipos de atividades de culto ou vinculadas de alguma forma à vida do culto e abertas a uma pessoa não-iniciada e de sexo feminino. Depois de um tempo, algumas restrições se relaxaram e me foi permitido um acesso mais privilegiado. Presenciei inúmeros encontros de mães e pais-de-santo com seus filhos-de-santo e clientes. Acompanhei, de dentro, o dia-a-dia de quatro terreiros, frequentei com assiduidade outros doze além dos mencionados e visitei muitos mais, familiarizando-me com os diversos temas de conversação abordados habitualmente pelo “povo do santo”, sejam de caráter religioso, pessoal ou jocoso. Como também ocorre em outras tradições, existem graus diferentes de compreensão e elaboração das noções religiosas; assim, fiéis com maior antiguidade e em posições de maior responsabilidade terão uma sofisticação maior no tratamento do *corpus* de conceitos do culto. Inclusive, pode-se falar da existência de um conhecimento vulgar, simplificado, do sistema de crenças, um verdadeiro folclore ou pequena tradição, onde não é infrequente achar formulações divergentes com as dos grandes especialistas a cargo do sacerdócio do culto. Embora não seja a única abordagem possível, meu trabalho concentrou-se nos discursos sobre o culto emanados das fontes que identifiquei como de maior prestígio nos meios ligados ao culto do Recife, assim como dos círculos próximos a elas.

Na inscrição etnográfica da minha observação decidi, na maior parte dos casos, omitir os nomes dos personagens que retrato e cujas falas cito. Poucas exceções foram feitas, especialmente no caso de pessoas já mortas e de uma notável mãe-de-santo já idosa. A omissão desses nomes e sua substituição por outros fictícios foi uma decisão difícil e dolorosa para mim, que queria dar, em princípio, a esses personagens o lugar e o registro na memória histórica que eles merecem. Essa teria sido a minha contribuição para com quem faz, dia-a-dia, o esforço, muitas vezes incompreendido, de elaborar e passar à frente um saber valioso e sofisticado como o que aqui apresento ao leitor. Contudo, fui advertida de que o terceiro ensaio neste volume,

A autora Rita Segato informa que decidiu omitir os nomes dos informantes, como se isso não tivesse nenhuma importância, e apenas a palavra dela seria suficiente para dar credibilidade a um tema tão polêmico.

As diferenças de personalidade entre Oxum e Iansã são também exploradas usando como recurso o tema da vocação materna que, como vimos, constitui, igualmente, uma das dimensões do contraste entre Iemanjá e Oxum: Iansã, segundo se fala, não quis (ou não pôde) ser mãe.

Segundo alguns, os gêmeos Ibeje — Cosme e Damião — foram filhos de Oxum com Ogum, mas para outros eles foram filhos de Iansã com Xangô. De qualquer maneira, foi Oxum quem os criou: Oxum é a mãe criadeira entre os orixás. Porque Iansã teve eles mas não quis ser mãe e os abandonou. É por isto que os filhos de Iansã não são muito chegados a crianças. Eles podem até ter filhos, mas os dão para outros criar. Eles não são maternais. Inclusive, tem alguns que falam que, de fato, Iansã foi estéril e nunca deu à luz.

Décimo nono episódio (onde se relata como Oxum seduziu e imediatamente abandonou Iansã, e como Iansã pôs Oxum para correr).

Os filhos de Iansã são mais fortes que os filhos de Oxum. De fato, Iansã a venceu. Diz-se que na vida dos orixás aconteciam as mesmas coisas que hoje. Assim, um dia, Oxum passou e Iansã estava na porta da casa dela. Iansã era muito bela, muito atraente, mas Oxum era mais esperta e mais sem-vergonha. Oxum, vendo Iansã tão linda, disse para si: “vou cantar ela”, pensando em derrubar a coroa de Iansã, e passou na frente dela com sua moringa de água na cabeça cantando a toada: “Baba é / que mi fana dan / que mi fa de o”. Foi passando e rebolando. Iansã primeiro ficou chateada e disse que não queria nem escutar falar, que ela não gostava dessas coisas, mas saíram juntas e, “finalmente, Iansã cedeu. E Oxum foi tão safada que, uma vez que Iansã cedeu, ficou com ela, e tudo aconteceu; Oxum passou a gostar de uma outra criatura. Então, Iansã foi buscá-la para bater nela, e Oxum teve que se refugiar dentro do rio, onde Iansã não pôde segui-la [Oxum é a dona das águas

O décimo nono episódio relata o suposto mito lésbico entre Oxum e Iansã.

doces, enquanto Iansã, no Brasil, é um orixá da terra]. De fato, Oxum foi obrigada a fugir para não apanhar de Iansã e não conseguiu tirar proveito do que fez.

O público sorri condescendente perante a volubilidade da favorita Oxum:

Os filhos de Oxum mudam de opinião facilmente: para eles dá no mesmo ficar de um lado ou ficar do outro. Hoje podem fechar a cara para você e amanhã dizer a alguém que gostam de você. São inconstantes.

Os filhos de Oxum são gente sorridente.

Oxum tem aquele chamego, aquele dengo. Oxum sabe encantar. Ela é graciosa, suave, meiga; o povo adora ela.

Enquanto não vê grandes promessas de sucesso ou felicidade nas virtudes severas de Iansã:

Iansã é bastante descuidada na sua aparência. Os filhos de Iansã costumam ser gente muito atraente, ter grande beleza física, mas não são sedutores. Geralmente não se preocupam em maquilar-se ou em vestir roupas boas porque pensam que a pessoa deve apresentar-se como verdadeiramente é. Elas querem é ser notadas pela sua importância, pela sua força.

Iansã não é muito de alegria ou animação. Os filhos de Iansã têm tristezas profundas, têm um lado sombrio. Eles guardam as mágoas sofridas e ficam ressentidos por muito tempo. Iansã nunca perdoa.

#### **O ciclo de Iansã e a traição de Agbô, o carneiro**

O assim chamado “espírito vingativo” de Iansã deflagra-se, finalmente, na sua relação virulenta com o Agbô. Ela me foi

Como vimos, nenhuma fonte é informada, de forma que o povo de santo afro-brasileiro deve refutar este mito como falso, não pela relação homossexual, mas pela falta de credibilidade no trabalho de recolha do mito, pela falta da citação de informantes, por não informar, ao menos, a casa pesquisada.

## LOGUNEDÉ É POSSUÍDO POR OXÓSSI

Este mito que mostra uma suposta relação homossexual entre Oxossi e Logunedé, ganhou notoriedade nas mídias sociais também através do livro “Mitologia dos Orixás”.

Prandi informa como fonte uma “pesquisa de campo” de Luis Fernando Rios, professor da Universidade Federal de Pernambuco. Curiosamente, o autor citado não consta na bibliografia do livro de Prandi, de forma que precisamos procurar na internet pelos textos do autor, o que conseguimos, após algumas horas de busca.

O mito em questão trata-se de uma pesquisa de campo realizada também em Recife publicado no artigo “Loce Loce Metá Rê-Lê”, *Polis e Psique*, vol. 1, n. 3, 2011, pg. 212, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Importante frisar que mito não é do batuque Rio Grande do Sul, mas sim, do Xangô de Recife. Ele apenas foi publicado em uma revista acadêmica gaúcha.

Novamente recorremos ao recurso da tecnologia e publicar as imagens, que darão mais credibilidade. Preste atenção na segunda linha da segunda imagem, que há uma nota 2, que também publicamos aqui:

*Polis e Psique*, Vol.1, Número Temático, 2011 Página | 212

**“LOCE LOCE METÁ RÊ-LÊ!”: posições de gênero-erotismo entre homens com práticas homossexuais adeptos do candomblé do Recife**

“LOCE LOCE METÁ RÊ-LÊ!”: positions of gender-eroticism between men with homosexual practices in Candomblé of Recife

“LOCE LOCE METÁ RÊ-LÊ!”: posiciones de género-erotismo entre hombres con prácticas homosexuales miembros del Candomblé de Recife

**Luis Felipe Rios**

Universidade federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

---

**Resumo**

O artigo discute o modo como desejos eróticos, práticas sexuais e atributos de gênero são situados na cultura sexual do Candomblé de Recife e operados nas narrativas de seus integrantes homens que fazem sexo com homens. Os dados foram coletados como parte de uma pesquisa etnográfica guiada por uma perspectiva teórica que entende a sexualidade como sócio-culturalmente construída. Num contexto onde os homens estão estabelecendo interações sexuais que nem sempre estão de acordo com os ideais hegemônicos de oposição entre atividade e passividade, masculinidade e feminilidade, se configura uma cultura sexual onde articulações entre gênero, sexualidade e erotismo, dissidentes da heteronorma, são avaliadas positivamente.

**Palavras-chave:** Candomblé, Homossexualidade, Homens, Gênero, Erotismo.

2004). Por tudo isso, tomei o corpus mítico<sup>2</sup> do orixá Logun Edé como ponto de partida para compreender o que o candomblé tem a dizer sobre os homens com práticas homossexuais.

Edé não gostava de estar nas terras de Oxossi. Este era bastante rude com o garoto, sobretudo quando ele apresentava maneirismos próprios às iabás. Assim, logo que tinha uma chance, ele se disfarçava de iabá e entrava no reino da sua mãe, onde só mulheres podiam estar. Frequentemente ele era confundido com a própria Oxum. Certo dia, uma das mulheres do reino, encontrando-se com a rainha das águas doces, pôs em causa a sua identidade. Disse para ela que a verdadeira Oxum estava na mesa das iabás, onde estivera há poucos minutos. Oxum apressa-se para desmascarar a impostora. E qual não foi a sua surpresa: sob as vestes femininas encontrou o seu amado filho travestido. Contudo, as performances de Edé quase sempre se traíam. Ele não sabia lidar bem com atividades, com as tarefas domésticas, as tarefas e fazeres próprios das mulheres.

Prezado leitor, observe nesta imagem a nota 2, na segunda linha, pois ela é crucial para o fechamento do assunto que faremos mais a seguir:

Polis e Psique, Vol.1, Número c

Em outra ocasião, houve uma grande festa no mundo dos deuses e Logun Edé não tinha roupas adequadas para ir a tal evento. Quando Oxum saiu de casa, o menino tomou uma das muitas vestes da mãe e uma cora, tendo o rosto coberto por uma franja de canutilhos (filá). Chegando ao baile todos ficaram impressionados com a beleza da misteriosa jovem. O curioso Ifá, o orixá da adivinhação, resolveu descobrir a identidade “da moça” e levantou o filá. Envergonhado, Edé fugiu para a floresta. Seu pai, encantado com a beleza do filho, travestido de iabá, o segue e lá o possui sexualmente.

Nesta passagem o texto mostra Logunede como travesti.



Esta é a “nota 2” que Rios marca na segunda linha da segunda imagem anterior.

<sup>2</sup> Para tornar o texto mais fluido, reconto os mitos que me foram relatados de forma mais livre, não fazendo menção a quem dos meus interlocutores contou o que. Concebo que os mitos fazem parte da memória coletiva do candomblé, e, portanto, não possuem autoria pessoal. Para um leitor mais curioso sobre como os mitos se expressaram nos relatos pessoais, remeto a Rios (1997).

#### A NOTA 2

O mito em si, não importa. O que realmente interessa é esta nota 2. Nela, Rios declara que recontou os mitos “de forma livre, sem mencionar os informantes, quem contou o que”.

Como vemos, este mito sobre uma suposta relação homossexual entre Oxossi e Logunedé não tem nenhuma base científica, não há informantes, nenhuma casa é citada como base para a coleta do mito. O argumento de tratar-se memória coletiva não é embasamento para tal procedimento. Em algum local este mito foi ouvido, e este local deveria ser citado, para que o trabalho pudesse ter o mínimo de legitimidade.

Rios informa que os detalhes da pesquisa estariam na dissertação de mestrado, que tem o mesmo nome do artigo, mas não conseguimos localizar até o momento.

Portanto, este mito também deve ser refutado pelo povo de santo afro-brasileiro, também, repetimos, não pela suposta relação homossexual, mas pela falta de credibilidade do trabalho de pesquisas.

## CONSIDERAÇÃO FINAIS

Diante do exposto entendemos que estes mitos devem ser desconsiderados por não apresentarem por parte dos autores um informante ou local confiável para credibilizar a pesquisa de um tema polêmico como esse. Um artigo acadêmico que informa apenas ser uma “pesquisa de campo em tal cidade”, é, no mínimo, uma afronta à inteligência.

Neste momento lembramos a fala do professor Roberto Motta, antropólogo, professor doutor da Universidade Federal de Pernambuco, que escreve na apresentação do livro de Anilson Lins, *Xangô de Pernambuco*, Editora Pallas, a seguinte crítica aos próprios acadêmicos, embora seja um. Vejamos:

*[...] O primeiro destes méritos é a fidelidade ao vivido. Ao vivido, quero dizer, àquilo que as pessoas fazem, à sua realidade material e cotidiana, em contraposição ao que vem infelizmente sendo tão comum na produção antropológica, isto é, a atitude diametralmente oposta que consiste em confinar-se o antropólogo a uma espécie de gueto, em que os pesquisadores – se ainda pesquisadores – tratam seus próprios modelos ou daquilo que querem impor à realidade.*

*Deixam de ser cientistas e abandonam-se a elucubrações, não a respeito do que as coisas são, mas sobre como deveriam ser para corresponderem às utopias de que se fazem muitas vezes representantes. Utopias que envolvem uma tentativa de domínio, uma reivindicação de poder. (O grifo é nosso)*

*Em nome do relativismo cultural e da igualdade entre os povos, antropólogos, sociólogos e assemelhados, estão é ferozmente tratando de impor à realidade o único modelo de história que consideram válido, com origens no ideário do período que tenho chamado período intramural [...].*

<sup>1</sup>[1]

---

<https://iledeobokum.blogspot.com/2017/11/mitos-afro-brasileiros-sobre-orixa-lgbt.html>

[1] “Intramural” refere ao que acontece internamente, termo geralmente empregado na área médica para designar tumores internos.